

**BIBLIOTECA E SALAS DE LEITURA:
ESPAÇOS DE MEDIAÇÃO LEITORA NA FORMAÇÃO DOCENTE**

*Deisi Luzia Zanatta**

*Fabiane Verardi***

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar e discutir a função da biblioteca e das salas de leitura na formação inicial dos acadêmicos de Letras e de Pedagogia de três universidades brasileiras. Esses dados são resultado de uma pesquisa realizada na Universidade de Passo Fundo (UPF) dentre 2015 a 2019, que por sua vez, é oriunda do projeto *Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente*, cujas instituições de ensino superior integrantes foram: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), câmpus de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) e Universidade de Passo Fundo (UPF). Os dados evidenciaram que a biblioteca e as salas de leitura precisam se tornar espaços de ações leitoras durante a formação inicial desses futuros professores para que enquanto profissionais sejam mediadores de leitura e utilizem desses ambientes para tal ação. Por fim, realizamos uma proposta de prática leitora envolvendo a biblioteca e/ou salas de leitura como espaços para a formação de professores leitores em cursos superiores de Letras e de Pedagogia.

PALAVRAS-CHAVE: Espaços de ler; Biblioteca e salas de leitura; Formação de professores; Leitura em licenciaturas; Mediação de leitura.

* Doutora em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Docente na Católica de Santa Catarina - Centro Universitário, unidade de Jaraguá do Sul - SC.

** Doutora em Letras (Teoria Literária) pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2004) e Pós-Doutorado pela Universidade de Coimbra (2019). Professora Titular II da Universidade de Passo Fundo, no curso de Letras, no Programa de Pós-Graduação em Letras e Coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo.

Introdução

A profissionalização do professor passou a ser uma preocupação mais efetiva a partir da publicação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, nº9.394/96. Diante disso, descrição e análise dos espaços de ler de acadêmicos ingressantes em cursos de Letras e de Pedagogia de três universidades brasileiras, com base em abordagens teóricas que viabilizam o estudo sobre a formação do professor e a leitura se apresentam como uma maneira de enfatizar a relevância do ato de ler no percurso inicial da trajetória acadêmica do futuro docente.

O presente trabalho foi um desdobramento da pesquisa *Leitura nas licenciaturas: espaços, materialidades e contextos na formação docente*, resultado de um Projeto de Cooperação Acadêmica Interinstitucional – Procad, cujas instituições integrantes foram: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF), em que a finalidade foi descrever e analisar o perfil leitor de universitários ingressantes nas licenciaturas presenciais de Letras e Pedagogia, das referidas IES, apontando princípios, conhecimentos e ações pedagógicas para a formação de leitores na universidade como espaço privilegiado de mediação da leitura e de circulação de práticas leitoras.

O instrumento de pesquisa foi um questionário composto por 85 questões abertas e fechadas, estruturado em duas partes “Perfil dos sujeitos” e “Perfil leitor”, aplicado aos 455 universitários ingressantes de Letras e de Pedagogia no primeiro semestre letivo de 2014 das três instituições de ensino superior integrantes do Projeto do Procad. As questões acolheram os seguintes itens: dados pessoais, tipos de textos lidos habitualmente, o que procura ler e por que motivo, suportes de leitura, espaços de leitura, tempos de leitura, dimensões valorizadas na leitura e indicação de uma preferência específica, que hábitos possui antes, durante e depois da leitura. Tal estudo diz respeito somente aos ingressantes da graduação, porque o questionário foi aplicado somente a esses acadêmicos, não abrangendo os estudantes concluintes das instituições participantes do projeto.

O resultado obtido foi separado nos seguintes blocos temáticos: “Espaços e modos de ler”, “Gêneros textuais”, “Estratégias de leitura”, “Materialidade”, “O papel das instituições e dos mediadores” e “Suportes de textos”. Diante disso, objetivamos apresentar e discutir os espaços de ler, especificamente os resultados obtidos sobre as bibliotecas e salas de leitura. Entendemos que tais ambientes podem ser primordiais na construção de leitores, especialmente durante a graduação dos acadêmicos de Letras e de Pedagogia, pois como professores de tais áreas possuem a leitura como parte inerente a sua formação e atuação profissional.

Logo, justificamos o interesse por um estudo dessa natureza, porque acreditamos que conhecer os espaços de ler, neste caso, as bibliotecas e salas de leitura, mencionados pelos ingressantes nos cursos superiores de Letras e de Pedagogia, lugar no qual ela se efetiva, é um dos pontos fundamentais para o fortalecimento de práticas leitoras no ambiente acadêmico, tanto universitário, quanto escolar. Diante disso, não se pode negar que a leitura torna-se de vital importância no processo educativo que acontece na sociedade, na sala de aula, seja na escola ou na universidade.

Como um segundo argumento, é preciso mencionar que o graduando em Letras obtém formação para atuar no exercício docente em séries de 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, como também do 1º ao 3º ano do Ensino Médio. Já o licenciando em Pedagogia, ao concluir sua licenciatura estará apto a atuar do 1º ao 5º ano das Séries Iniciais. Essas etapas de formação escolar são de suma importância na vida dos alunos, pois se tornam o momento em que se aprofundam e se lapidam as vivências e a criticidade em relação a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Para tal, buscamos auxílio teórico em Roger Chartier (1991, 1998, 1999) e Paul Sanger (1998) sobre o contexto histórico que envolve a biblioteca e acerca da importância desse espaço e da mediação de leitura em Michèle Petit (2006, 2008, 2009, 2013), Silvia Castrillón (2011) e Geneviève Patê (2012).

A definição por essas abordagens, que se entrecruzam e se complementam com postulados de estudiosos contemporâneos, procura mostrar a leitura e o contato com a

biblioteca e salas de leitura como pontos fundamentais na formação dos acadêmicos ingressantes de Letras e de Pedagogia, visto que serão eles que deverão atuar como mediadores de leitura na escola.

A biblioteca: breve contexto histórico

Dentre todas as práticas culturais e sociais que utilizamos no decorrer da nossa vida, ler talvez seja a mais praticada e valorizada. Das escrituras rupestres arquitetadas em rochas, das tábuas de argila, da escrita no rolo ao avanço das transformações tecnológicas, o espaço, as maneiras e a frequência da leitura vêm sendo discutidas, pois tudo o que somos, elaboramos e compartilhamos passa por esse processo.

Durante muitos anos, a leitura na escola tradicional acontecia somente com o intuito de aprender a ler e escrever para decifrar o código escrito da linguagem. As habilidades de compreensão e apropriação subjetiva dos textos não se faziam necessárias, porque o sujeito que conhecia tal código já estaria preparado para transitar nos mais diferentes contextos letrados. Com o passar dos anos, o surgimento desenfreado da tecnologia estabeleceu uma nova roupagem para o livro e, conseqüentemente, para as práticas leitoras, o que acabou por redimensionar as relações entre o texto, os seus receptores e os espaços de leitura.

Entre muitos destes ambientes encontramos a biblioteca que, ao longo dos anos, sofreu muito devido às diversas ações como ataques e censuras. Isso porque seu acervo consistia em um arcabouço de conhecimento e, possivelmente, faria com que aqueles que a ela tivessem acesso, conhecessem todos os registros já documentados até então.

É importante mencionar que a história da biblioteca se concretiza a partir do momento em que a humanidade começa a dominar a escrita e várias foram as denominações dadas a tal espaço. Conforme Roger Chartier (1999), a primeira acepção para biblioteca foi apresentada pelo Dictionnaire de Furetière e dizia o seguinte: “Biblioteca: aposento ou lugar onde se colocam livros; galeria, construção cheia de livros. Diz-se também de livros que são geralmente arrumados sob construções compridas e em arcos” (CHARTIER, 1999, p. 70). Já um segundo conceito, evidencia a biblioteca não mais como um espaço,

mas sim, como um livro: “Biblioteca é também uma coleção, uma compilação de várias obras da mesma natureza, ou de autores que compilaram tudo que se pode dizer sobre um mesmo tema”.

Conforme o dicionário Aulete (1974), biblioteca se designa como:

s.f. coleção de livros. Armários, estante. Coleção das obras de um autor. Coleção de obras literárias de um povo: *A biblioteca* literária portuguesa. *Biblioteca viva*, home muito sábio. Lugar, edifício onde se conservam e guardam os livros para estudo e leitura do público: Biblioteca Nacional. (AULETE, 1974, p. 482).

Notamos que nos conceitos compilados todos apresentam a biblioteca como um depósito de obras e documentos, mas a última definição nos traz que em tal espaço se encontram livros para a leitura do público em geral. Assim, mesmo que a maioria dos conceitos denomine a biblioteca como espaço em que são armazenadas obras de várias naturezas, esse ambiente assegura a difusão dos saberes e propicia a construção do conhecimento.

De acordo com a História Cultural, as primeiras bibliotecas pertenceram aos povos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses. O acervo era natural, formados por tabletas de argila, posteriormente substituído pelos rolos de papel e pergaminhos. Com a invenção do papel e, conseqüentemente, com surgimento do livro, a biblioteca vai ganhando proporções de como a conhecemos nos dias de hoje.

Vale mencionar que mais famosa de todas elas considerada um dos maiores centros do saber na Antiguidade, conforme Chartier (1999) foi a Biblioteca de Alexandria. Seu acervo contemplava 40 a 60 mil manuscritos em rolos de papel, chegando a possuir 700 mil volumes. O estudioso ainda ressalta que tal espaço se configurou como universal, porque conservou livros de todos os tempos e de todo o mundo conhecido e, racional, devido ao fato de os livros de seu acervo obedecer a uma ordem, integrar um sistema de organização.

De acordo com Roger Chartier:

Em Alexandria, o texto se apresentava ainda sob a forma de rolos. Com mais de quinhentos mil rolos, a biblioteca de Alexandria dispunha, de fato, de um número de obras muito menos significativo, já que uma obra podia ocupar, sozinha, dez, vinte, até trinta rolos. O catálogo da biblioteca era constituído de cento e vinte rolos. É possível imaginar as operações manuais que a busca do universal exigia. (CHARTIER, 1998, p. 118)

Chartier (1999) ainda ressalta que nas grandes bibliotecas helenísticas, bem como nas da Roma Antiga a leitura não era praticada: sua função se destinava a elencar a grandeza dos que detinham o poder e também como instrumento de trabalho para um grupo de eruditos e literatos. Logo, durante muito tempo tal espaço se configurou como um lugar sagrado, fechado ao grande público, apenas de acesso para a elite intelectual que, provavelmente, já possuía sua própria biblioteca particular. Assim, o livro representava sinal de poder social ou de saber intelectual.

Em meados do século XIII, esse cenário começa a mudar e tal lugar passa a ser também um espaço destinado à leitura. Então, “a biblioteca sai da solidão do monastério ou do limitado espaço que lhes destinavam os bispos nas catedrais românicas, para se tornar urbana e ampla. [...] a biblioteca se apresenta como o cenário dos livros, expostos e disponíveis” (CHARTIER, 1999, p. 23).

Contudo, o leitor neste momento ainda não se beneficiava de certas liberdades com os livros. Somente a partir do século XVI as bibliotecas se transformaram, possibilitaram uma localização acessível, passaram a ser de caráter intelectual e civil, viabilizando, então, a democratização da informação das diferentes áreas do conhecimento.

Conforme Saenger (1998), as mudanças na leitura afetaram a organização das bibliotecas. Tal estudioso enfatiza que as salas monaicas de leitura do século XII tinham sido construídas para uma cultura de leitura silenciosa e oral. Os espaçosos claustros e cubículos para estudo, separados por paredes de pedra permitiam a leitura em voz alta dos monges ou em voz baixa para si mesmo.

Saenger (1998) também menciona que, em meados do século XIII e XIV em Oxford, Cambridge e Sorbonne, bem como em outros colégios parisienses, as bibliotecas começaram a ser instaladas em grandes salões, mobiliadas com escrivaninhas, estantes de leitura e bancos onde os leitores se sentavam uns próximos aos outros. Os grandes livros, por sua vez, se encontravam acorrentados as estantes de modo a ficarem sempre disponíveis aos receptores. Foi nessas bibliotecas que a leitura silenciosa passou a ser constante aos leitores.

Assim:

Nas bibliotecas da fase final da Antiguidade e nas dos mosteiros do início da Idade Média, em que os usuários liam em voz alta, o som de cada leitor funcionava como barreira fisiológica, ou seja, atrapalhava leitores vizinhos. Quando os leitores começaram a ler visualmente, o barulho tornou-se perturbador. Mesmo a leitura em voz baixa incomodava a concentração dos outros leitores, tornando difícil o estudo na biblioteca medieval. (SAENGER, 1999, p. 161).

Contudo, o leitor, nesse momento, ainda não se beneficiava de certas liberdades com os livros. Somente a partir do século XVI as bibliotecas se transformaram, possibilitaram uma localização acessível, passaram a ser de caráter intelectual e civil, viabilizando, então, a democratização da informação das diferentes áreas do conhecimento.

A biblioteca e as salas de leitura: discussões sobre o resultado da pesquisa

Notamos que a biblioteca sempre possuiu uma importância significativa no que se refere à aquisição do saber. Nos dias de hoje, tal espaço ainda mantém algumas de suas características primitivas, contudo, vem sendo alvo de estudos e discussões, uma vez que é considerado um importante aliado na formação de leitores.

No nosso entendimento, propiciar o contato entre a biblioteca e/ou salas de leitura e os licenciandos de Letras e de Pedagogia durante o processo de formação inicial desenvolvido na graduação é essencial para que tais espaços passem a serem frequentados e utilizados para aprimorar a formação de leitora desses futuros professores.

A leitura quando mediada pelo docente desde o início da trajetória escolar tende, além de se tornar prazerosa, a formar o pensamento crítico do sujeito. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental (1997), o domínio da língua tem estreita ligação com a possibilidade da participação social plena, pois é através dela que o ser humano se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento.

Logo, em relação ao acesso às bibliotecas, a questão 21¹ do questionário aplicado aos ingressantes em Letras e Pedagogia das instituições participantes do Projeto do Procad apresentou o seguinte:

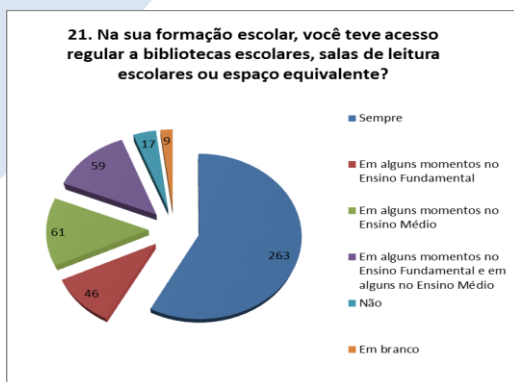


Gráfico 1 – Na sua formação escolar, você teve acesso regular a bibliotecas escolares, salas de leitura escolares ou espaço equivalente?

Fonte: Procad (2016)

O resultado da questão 21 evidencia que 263 sujeitos (57,8%) alegaram ter tido contato com os espaços de leitura na escola. Contudo, 46 respondentes (10,1%) mencionaram ter contato com a biblioteca em alguns momentos do Ensino Fundamental, 61 acadêmicos (13,4%) em alguns momentos do Ensino Médio, 59 licenciandos (13%) em alguns

¹ A referente questão está inserida nos seguintes blocos temáticos: Perfil leitor, Espaços e modos de ler e O papel das instituições e dos mediadores.

momentos do Ensino Fundamental e em alguns do Ensino Médio e 17 respondentes (3,7%) não tiveram nenhum contato.

Os resultados nos dão indícios de que os respondentes que não acessaram ou acessaram pouco as bibliotecas e salas de leitura não o fizeram, quem sabe, por falta de mediação, ou por tais lugares não existirem onde realizaram a formação escolar. Esses resultados são preocupantes, pois a biblioteca é um lugar de importante contato entre o leitor e a leitura e, em alguns casos, pode ser a única oportunidade dos estudantes terem acesso ao livro.

Conforme Fabiene Diógenes (2012), bibliotecas estão inseridas em organizações voltadas à produção do saber, em que tal espaço como partícula da universidade possui a missão de atender às necessidades informacionais do corpo discente, docente e técnico da universidade em consonância com seus programas. Consequentemente, a biblioteca escolar também deve estar voltada para esta mesma função.

Diante disso, somente oferecer a biblioteca e salas de leitura não é o suficiente, pois esses ambientes são primordiais no contato do leitor com o livro e, com isso, onde se podem desenvolver ações metodológicas para que se gere a leitura por fruição. Ao serem submetidos a experiências de práticas leitoras em tais lugares, além de aprofundarem a sua relação com o livro, como futuros professores de Letras e de Pedagogia reproduzirão essa ação para as bibliotecas escolares da Educação Básica. Assim, retificamos que “não basta que o ambiente disponha de livros aos leitores: é necessário que a mediação faça a seleção de obras, oportunize situações de leitura e provoque respostas, conversas a respeito das obras lidas” (SILVA, 2016, p. 117).

Ao mencionar a relevância de tal espaço, Silvia Castrillón (2011) ressalta que a sociedade precisa de bibliotecas que fomentem o interesse e gosto pela leitura, que seja um espaço que propicie a descoberta do valor que ela tem como meio de busca de sentido, como uma referência de si mesma no mundo, bem como para o reconhecimento do outro. Em suma, a biblioteca deve ser um lugar imprescindível para um projeto de vida que pretenda superar uma sobrevivência cotidiana, pois este ambiente “teria muito por fazer, tanto

em facilitar o acesso da população à informação científica, cultura, artística [...]” (CASTRILLÓN, 2011, p. 78). Logo, percebemos que esse ambiente pode ser primordial na formação da identidade do ser humano.

Um exemplo pode ser encontrado nos estudos de Michèle Petit. Com base em entrevistas, a antropóloga francesa constatou que para muitos jovens que viviam em espaços de crise social, a biblioteca representou um espaço estruturante de (re) significação com o conhecimento, ou seja, através da leitura, puderam compreender seu mundo interior e o mundo exterior. O depoimento de um jovem senegalês, de uma família oriunda da Argélia evidencia a importância que a biblioteca teve na sua vida:

Para mim, a leitura não é uma diversão, é algo que me constrói. A biblioteca me permitiu imaginar filmes, fazer meus próprios filmes como se eu fosse um diretor. Ia com frequência à biblioteca para ler histórias em quadrinhos, mas parava nos livros. Às vezes, lia o resumo de livros grossos e densos, imaginava a história; lia a primeira página, a primeira linha e presumia tudo o que se passava. (PETIT, 2008, p. 32)

A leitura para esse sujeito propiciou a construção da sua identidade, corroborando a ideia de que o ato de ler se torna significativo para a expansão do saber. Embora todas as etapas da vida sejam importantes, Petit (2008) destaca que a adolescência é uma fase ímpar em que a leitura deve ocupar um lugar formador, capaz de mudar os rumos da vida e reorganizar os pontos de vistas, ao nos mostrar que estamos experimentando afetos, tensões e angústias universais. Neste sentido, “entre os espaços necessários para o funcionamento de uma escola, além de secretaria, refeitório, entre outros, está a biblioteca, como um ambiente necessário para a formação do estudante [...]” (RAMOS; BALÇA, 2013, p. 161).

Diante do exposto, é imprescindível que o educador esteja ciente do seu papel e, por isso, saber a relevância de sua prática e o reconhecimento da biblioteca como ambiente formador de leitores. Assim, o mediador de leitura precisa refletir sobre a sua função na escola e, conseqüentemente, na sociedade.

De acordo com Geneviève Pate (2012), a biblioteca propõe um ambiente cultural único e profundamente humano. Ao mesmo tempo, ela encoraja os leitores a seguir seus

próprios caminhos e favorece a emergência das identidades. Também é onde a expressão das diferenças é possível, desejável e encorajada. É um espaço onde se pode aprender a construir relações com o outro, bem como a tentar compreender-se.

Já, segundo Chartier (1998), a biblioteca deve reunir todos os saberes acumulados, ser a base dos conhecimentos humanos, colocar à disposição de cada um as diversas obras escritas ao longo dos séculos. Logo, professor, biblioteca e estudantes devem estar numa relação de proximidade em todas as etapas de escolarização.

Conforme corrobora Petit (2009), a biblioteca ideal é a que permite que as crianças sonhem e que não lhes imponha ideias, imagens ou histórias, mas que lhes mostre possibilidades, alternativas. Tudo isso terá uma ligação profunda com a vida adulta. Ler histórias, talvez só pelo prazer de contar, mostrar que se pode sonhar, que existe saída e que nem tudo está imóvel. Ver que é possível inventar a própria vida. E que talvez, para inventar a própria vida, seja preciso primeiro a matéria-prima; é preciso ter sonhado para poder sonhar e criar.

A antropóloga francesa também menciona que a leitura viabiliza ampliar o repertório imaginativo e crítico do leitor. No ato de ler, o leitor se apropria do texto, o interpreta, transforma o seu sentido, desliza sua fantasia, seus medos, desejos, angústias, frustrações entre as linhas e as mesclas com as do autor. É em meio a essa atividade que o leitor se constrói, pois o texto, de maneira silenciosa, vai liberar algo que o leitor possui dentro de si e muitas vezes, o leitor encontra ali a energia, a força para sair de um contexto ao qual estava preso, para se diferenciar.

Por meio disso, percebe-se que a biblioteca como espaço de leitura possui um papel (re) estruturante na sociedade. Vale mencionar que os mediadores culturais ou agentes de leitura também exercem papel fundamental nesse processo, pois, na maioria das vezes, são a ponte entre o texto e o leitor e “permitem, assim, uma nova travessia por esses momentos em que vários registros sensíveis são tocados simultaneamente e em que se constrói, passo a passo um mundo habitável” (PETIT, 2010, p. 27).

Logo, formar leitores implica uma questão de meio social e o que também está em jogo é a relação pessoal entre o professor como incentivador de livros, pois para transmitir o amor pela leitura é preciso viver tal experiência. Em muitos casos, bibliotecários, professores, pesquisadores não costumam ler, ou se limitam a um gênero e quadro de obras específico. Os poucos que o fazem, algumas vezes, são hostilizados pelos colegas, por serem considerados intelectuais são rejeitados pelos demais professores. Conforme Silvia Castrillón:

O propósito de formar leitores exige professores bem formados, conscientes da necessidade de mudanças importantes na estrutura social da escola e atualizados, não por meio de cursos breves ou oficinas, mas, sim por meio de programas de longa duração, que partam de sua prática cotidiana e que também introduzam o conhecimento da teoria e a necessidade de reflexão e do debate. Formação que lhes permita romper com a tradição de ensinar como aprendem. Professores também formados como leitores e escritores, condição primordial para ensinar a ler e a escrever. (CASTRILLÓN, 2011, p. 24).

Através da citação supracitada, entendemos que uma formação inicial sólida do professor no que se refere à leitura se torna um ponto de partida para que a disseminação do ato de ler se torne uma constante na comunidade escolar e, conseqüentemente na vida dos sujeitos. Regina Zilberman (2009) postula a importância de recuperar o papel fundamental da leitura dentro e fora da sala de aula. De acordo com a autora, é preciso compreender o significado da leitura como procedimento de apropriação da realidade. Conforme a teórica, “o fato revela o vínculo íntimo e umbilical que toda ação de ler estabelece não somente com o mundo dos objetos, mas principalmente com a linguagem” (ZILBERMAN, 2009, p. 31).

Diante dos postulados de Zilberman (2009), podemos afirmar que a formação do pensamento crítico do sujeito bem como a sua emancipação estão alicerçadas na constituição como leitores. Por isso, nossa preocupação também se voltou se os entrevistados tiveram, durante o período escolar, acesso à biblioteca – esse importante espaço de contato entre o leitor e o livro. Assim, conhecer se tal ambiente de leitura fez parte da vida estudantil

dessas pessoas se faz relevante na trajetória inicial do futuro professor de Letras e de Pedagogia, uma vez que esses profissionais são fundamentais no processo de disseminação da leitura nos ambientes escolares como a biblioteca.

Embora um dado deste estudo nos permitiu tomar conhecimento se os ingressantes em Letras e Pedagogia tiveram acesso à bibliotecas ou salas de leitura enquanto cursavam a educação básica, é de suma importância conhecermos a frequência com que a leitura foi e se foi realizada em tais espaços. A questão 52² nos apresentou o seguinte resultado:

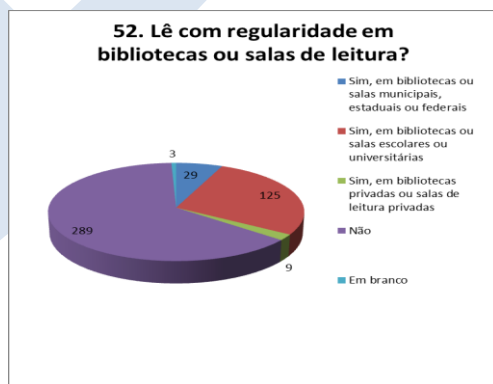


Gráfico 2 – Lê com regularidades em bibliotecas ou salas de leitura?

Fonte: Procad (2016)

Na questão 52, em que os estudantes universitários tinham de responder se leem com regularidade em bibliotecas ou salas de leitura notamos que 29 acadêmicos (6,4%) alegaram que leem em bibliotecas ou salas municipais, estaduais ou federais, 125 licenciandos (27,5%) também responderam sim, em bibliotecas ou salas escolares ou universitárias, 9 respondentes (2%) alegaram ler em bibliotecas privadas ou salas de leitura privadas e 289 sujeitos (63,5%) afirmaram que não leem em bibliotecas ou salas de leitura.

²Tal questão está inserida nos seguintes blocos temáticos: Perfil leitor, Espaços e modos de ler e O papel das instituições e dos mediadores.

Os dados apresentados nos mostram que uma parcela dos acadêmicos de Letras e de Pedagogia mencionou praticar a leitura em bibliotecas e/ou salas de leitura municipais, estaduais, federais e privadas. Provavelmente, tais universitários foram apresentados a esses espaços, ou seja, tiveram mediadores de leitura, quem sabe professores, preocupados em mostrar que a biblioteca não é apenas um ambiente para se retirar e devolver livros, mas sim um local em que a leitura pode ser praticada. Como no questionário aplicado não tivemos uma questão que perguntasse como se deu o contato entre os respondentes e a biblioteca, podemos inferir também que tais sujeitos podem ter buscado por eles mesmos desenvolver o ato de ler nesses ambientes.

No nosso entendimento, o acesso a espaços que propiciam o contato com as letras expande o universo de conhecimento dos sujeitos e a biblioteca, enquanto lugar dos livros se torna uma forma de acesso à cultura escrita. O acervo da biblioteca assume na formação desses licenciandos o contato com os mais diversos materiais, além de fontes importantes para consulta e pesquisa que, muitas vezes, só pode ser encontrado nesse espaço.

Porém, dando sequência ao resultado da questão 52, notamos que a maioria dos sujeitos respondentes alegou não ler em bibliotecas e/ou salas de leitura. Esse porcentual ocasiona uma série de preocupações, tendo em vista que, para formar leitores, é imprescindível que o profissional da educação, no caso, o professor, reconheça a biblioteca e as salas de leitura como ambientes em que o ato de ler pode e deve ser praticado.

Muitas vezes, a biblioteca é o primeiro ou único contato do sujeito com a leitura. Logo,

a escola e a universidade precisam proporcionar aos alunos a capacidade de aprender sempre, de ter autonomia na sua relação diante do conhecimento, de conhecer suas necessidades de informação e de ter autosuficiência para buscá-las, obtê-las, construí-las. (FEBA; ARIOSI; VALENTE, 2017, p. 61).

Vale destacar que políticas públicas de incentivo à leitura existem desde a criação do Ministério da Educação (MEC) em meados de 1930. Contudo, somente por volta de

1980 a formação de leitores passou a ser uma preocupação, mesmo que ainda não prioritariamente.

Angela Paiva (2012), então, menciona alguns programas que envolveram a formação de professores e a leitura. O Programa Nacional Sala de Leitura – PNSL (1984) foi criado pela Fundação de Assistência ao Estudante (FAE) e desenvolvido em parceria com as secretarias estaduais de educação e com as universidades responsáveis pela capacitação de professores. Seu objetivo era compor, enviar acervos e repassar recursos para ambientar as salas. O Proler foi criado pela Fundação Biblioteca Nacional e Ministério da Cultura e, por sua vez, se estende até os dias atuais, tem como objetivo viabilizar para a população em geral o acesso aos livros e outros materiais de leitura.

O Programa Nacional Biblioteca do Professor (1994) tinha o propósito de dar suporte para a formação de professores das séries iniciais do ensino fundamental no desenvolvimento de duas ações: a aquisição e distribuição de livros, bem como a produção e disseminação de materiais para a capacitação do trabalho docente. Tal programa foi extinto em 1997 devido à criação do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) cujo objetivo era democratizar o acesso a obras de literatura brasileira e estrangeiras infantis e juvenis, como também fornecer materiais de pesquisa e de referência a professores e alunos das escolas públicas brasileiras.

Contudo, mesmo com um abastecimento considerável de livros

ocorrem, com menor frequência, ações que viabilizam a formação de professores e de profissionais que atuam nas bibliotecas escolares para o reconhecimento do potencial do material disponibilizado e suas possibilidades educativas no cotidiano escolar, em especial, na sala de aula e na biblioteca. (PAIVA, 2012, p.17).

A escola é um dos espaços mais importantes da sociedade, porque tem a função de formar cidadãos críticos e conscientes, e a leitura se configura como o ponto de partida para isso. Na concepção de Gilda Maria Rocha de Carvalho e Thatty Castelo Branco (2016), os espaços de leitura não formam por si só leitores. Conforme tais estudiosas, esses lugares

propiciam o encontro do leitor com o texto. Contudo, é preciso que haja uma ação intermediadora que viabilize a relação do leitor com o texto para que o escrito lido possa ser impulsionador de uma transformação. Logo, a leitura serve como uma travessia para o homem que, quando completada, tende a modificar a maneira como o leitor enxerga o mundo.

Diante do exposto, entendemos que a disseminação da leitura propicia a democratização do conhecimento, principalmente quando mediada. Logo, “as leituras do professor influenciam sua prática pedagógica e, portanto, ampliando-se seu universo de leitura, abrem-se espaços para que colabore mais efetivamente para o processo de letramento de seus alunos.” (BALÇA; SOUZA, 2012, p. 378).

Assim, a leitura possibilita o estímulo do senso crítico, pois “com frequência o saber é pensado como a chave da liberdade, como um meio de não ficar à margem de seu tempo, como um meio de participar do mundo e de ali encontrar um lugar” (PETIT, 2013, p. 106). O leitor, então, transforma o texto e é transformado por ele, porque durante a prática de leitura se dá conta que existem outras possibilidades e formas de pensar.

De acordo com Carlino (2017), a leitura e a escrita estão entre as habilidades mais importantes que as pessoas podem dispor e que oportunizaram mudanças qualitativas na história e no pensamento. Esta estudiosa ainda enfatiza que aprender na universidade não é um ganho garantido, pois depende da interação entre alunos, docentes e instituições. Em suma, “depende do que faça o aprendiz, mas também depende das condições oferecidas pelos docentes (e as que nos fornecem as instituições) para que o primeiro coloque em marcha sua atividade cognitiva” (CARLINO, 2017, p. 13). Sob essa perspectiva, o contato com a leitura é uma questão de influência social, ou seja, é também através das ações dos professores universitários que os licenciandos desenvolverão e aperfeiçoarão suas habilidades leitoras, refletindo tais ações como profissionais na educação básica.

Conforme Chartier (1991), os momentos passados na biblioteca asseguram o afastamento do sujeito em relação ao público, ao civil, aos negócios, à família, à casa, às relações sociais. Nesse espaço, o indivíduo é dono do seu tempo, do seu ócio e do seu estudo.

Diante disso, entendemos que uma formação sólida no que se refere à leitura, propiciando o contato com a biblioteca durante o percurso acadêmico do estudante no ensino superior, especialmente, dos futuros docentes das áreas de Letras e de Pedagogia propicia expandir as várias possibilidades de compreender o mundo. Consequentemente, as práticas executadas durante o preparo para o exercício da profissão serão fundamentais para a extensão dessas atividades nos ambientes escolares.

Petit (2006) enfatiza que a leitura é uma arte que se transmite em vez de ensinada. Segundo a estudiosa, a maior parte dos leitores que leem regularmente desde a infância possuem outra relação com a leitura daqueles que não a praticam, além de ressaltar a importância do meio social e familiar no incentivo à leitura. O ato da leitura propicia momentos de busca de uma vida secreta e profunda: dos amores, das emoções, dos mistérios da vida, da morte, da sexualidade. Assim, “a leitura é uma arte que se transmite mais do que se ensina” (PETIT, 2006, p. 99: tradução nossa).

Diante disso, se a leitura permite a compreensão de nós mesmos e do mundo em que habitamos, é importante mediar o contato do estudante com a biblioteca, uma vez que esse espaço se configura como um lugar de contato direto com a cultura, em que os livros estão a pouca distância das mãos dos leitores. O professor na figura de mediador de leitura exerce papel fundamental na relação entre o texto e o leitor, pois é a ele incita o desencaqueamento das diversas visões e interpretações que surgem a partir dos textos.

Logo, crianças e jovens, circunscritos ao ambiente escolar, devem ser incentivados à leitura e terem os livros ao seu alcance para que possam desenvolver habilidades e competências necessárias à formação leitora. Todavia, tal prática só será desenvolvida na escola se nas universidades, em cursos de formação como os de Letras e de Pedagogia, a bagagem e formação leitora do futuro professor foi alvo de prioridade durante a trajetória acadêmica.

Ao mencionar a relevância dos espaços de leitura e da mediação, Petit assevera que:

Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma. A hipótese parecerá paradoxal em

uma época de mudanças tecnológicas na qual é a eventual diminuição da prática da leitura o que preocupa. Parecerá mais audaciosa, até mesmo incoerente, visto que o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos. Pensemos nos exemplos dados anteriormente: trata-se de homens e mulheres que provavelmente desde a mais tenra idade mergulharam nos livros, ou que ao menos foram introduzidos precocemente nos usos da cultura escrita. (PETTT, 2009, p. 11)

Ao interagirem e olharem para a criança ou adolescente, principalmente, para os que se encontram em ambientes marginalizados, os mediadores culturais criam uma abertura psíquica, ainda mais porque são interessados de livros, antes, muitas vezes vistos como símbolos de tédio ou exclusão. Na medida em que esses jovens descobrem os livros, também os “ouvem” e lhes dedicam uma atenção singular. Assim, “ler tem a ver com a liberdade de ir e vir, com a possibilidade de entrar à vontade em um outro mundo e dele sair. Por meio dessas idas e vindas, o leitor traça a sua autonomia, mediante a qual ele se reconstrói [...]” (PETTT, 2009, p. 39).

Mas vale mencionar que nem sempre a grande maioria das pessoas teve acesso aos livros e bibliotecas. Durante o Brasil colonial, as bibliotecas eram de caráter particular e as possuíam as pessoas mais abastadas. Conforme Luiz Carlos Villalta (2000), as informações que se referem às bibliotecas, nos séculos XVI e XVII do período colonial brasileiro, sugerem que os livros em circulação eram principalmente literários ou de cunho religioso e que os maiores acervos bibliográficos atendiam à rotina das atividades dos colégios jesuítas.

O estudioso ainda enfatiza que tanto no Rio de Janeiro como em Mariana, os registros históricos apontam que a posse de livros e, conseqüentemente de bibliotecas particulares se encontrava nas mãos de pessoas mais abastadas, isto é, somente uma pouca parcela da população. A distribuição e posse de tais obras diferenciavam-se de acordo com a categoria profissional e posição social dos inventariados: proprietários de terras e escravos, sacerdotes, profissionais do direito, cirurgiões, boticários, comerciantes, navegadores, estudantes, militares e funcionários públicos.

Logo, notamos que, por muito tempo, as bibliotecas eram restritas a um público elitizado, mas, nos dias de hoje, em muitos lugares, tal espaço existe e é aberto aos sujeitos. Considerando as respostas obtidas na questão 21 e 52 e as reflexões construídas sobre essas, podemos afirmar que biblioteca e as salas de leitura precisam se tornar espaços significativos na constituição leitora, durante o processo de formação inicial dos futuros professores de Letras e de Pedagogia, respondentes da pesquisa do Procad.

Com isso, levando em consideração as reflexões apresentadas ao longo da análise dos dados da pesquisa, na sequência, apresentamos uma proposta metodológica de leitura que pode ser desenvolvida em bibliotecas e/ou salas de leitura com estudantes universitários de Letras e de Pedagogia.

A biblioteca e as salas de leitura como espaços de mediação: uma proposta de prática leitora

Objetivos

Apresentar a biblioteca e salas de leitura como espaços em que se pode praticar o ato de ler.

Propiciar o envolvimento com a temática *morte* por meio do conto literário *A afilhada da dona do vestido preto* e do filme *Sete minutos depois da meia-noite*.

Discutir de que maneira temas delicados, como a *morte*, presentes nessas obras podem auxiliar na compreensão de tal etapa da vida.

Desenvolvimento

1ª etapa

1. Os grupos serão compostos por senha, ou seja, os alunos que retirarem o código equivalente farão parte do mesmo grupo.
2. Cada grupo se reunirá na biblioteca³ e/ou sala de leitura para ler o conto⁴ *A afilhada da dona do vestido preto*⁵, de Ricardo Azevedo. O professor-mediador

³ Verificar, antecipadamente, com o responsável pela biblioteca se há possibilidade de reservar um espaço da mesma para a realização da primeira e segunda etapa.

⁴ Parte-se da ideia de que os estudantes já tenham estudado a estrutura da narrativa.

⁵ A afilhada da dona do vestido preto é uma história que evidencia o que a falta de conhecimento sobre a morte pode ocasionar na subjetividade de uma criança. A história versa sobre uma personagem que é criada pela Morte,

(a) fará uma contextualização sobre o escritor e sobre o livro no qual a narrativa foi publicada.

3. Os alunos farão a leitura no conto. Sugere-se que cada um leia um trecho do texto para que assim todos participem da leitura. Os alunos poderão ir anotando pontos que julgarem importantes.

4. Feito isso, o professor-mediador (a) indicará um aluno de uma equipe para fazer uma pergunta sobre o texto e, na sequência, designará um estudante da outra equipe para responder à pergunta. Os demais integrantes podem ajudar na complementação da resposta.

2ª etapa

5. O professor-mediador (a) relembra os pontos discutidos na dinâmica anterior sobre o conto.

6. Assistir o filme *Sete minutos depois da meia-noite*⁶.

7. Num próximo momento, o mediador (a) propõe uma discussão em pequenos grupos (mesma equipe da primeira etapa) sobre o conto e o filme e estabelece duas perguntas geradoras para reflexão e discussão, estipulando um determinado tempo para a conversa: *Como ocorre o contato entre a morte e os personagens do conto e do filme? De que forma a relação com histórias que abordam tal temática auxiliam o leitor/ receptor a compreender essa etapa da vida?* O grupo deverá escolher um relator, o qual anotará os pontos levantados na discussão. Ao término do tempo, o relator apresenta as considerações do grupo. O professor-mediador (a) deve fazer a intermediação das respostas apontando semelhanças e diferenças apresentadas pelos relatores e questionar os estudantes sobre a relevância de um tema como a morte estar presente em narrativas literárias e filmicas.

mas que desconhece a verdadeira identidade de sua benfeitora bem como seu pai, aquele que escolheu a madrinha para a filha.

⁶ Maltratado pelos colegas no ambiente escolar, sofrendo com a doença em fase terminal de sua mãe e a relação distante com a avó, como válvula de escape desses problemas cotidianos, Conor O'Malley, de 12 anos busca refúgio num mundo repleto de fantasia. Aos exatos sete minutos depois da meia-noite, o menino recebe a visita do monstro em forma de árvore. O trato é simples: o monstro conta-lhe três histórias, mas em troca Conor precisa falar sobre seus dilemas da vida real. Com a convivência, a amizade se fortalece e, ao lado desse ser encantado, o protagonista encontrará força e coragem para lidar com o medo, com a raiva, mas principalmente, para superar a morte da sua mãe.

8. Após os relatos, cada grupo deve escolher uma parte do conto e do filme que mais gostaram. O professor-mediador (a), então, deverá propor a confecção de cartazes ou banners que ilustrem esses trechos para expor na biblioteca e/ou sala de leitura.

3ª etapa

9. O professor-mediador (a) deverá propor uma caracterização de personagem, ou seja, os estudantes devem escolher uma figura ficcional do conto e/ou do filme para representarem⁷. Criar um *Instagram* no nome da turma a ser gerenciado pelo líder e publicar as fotos dessas caracterizações, bem como trechos do conto e do filme. Tal ferramenta também pode ser utilizada para indicações de livros, textos diversos e outras atividades a serem desenvolvidas pelos acadêmicos durante a formação inicial.

Considerações finais

Neste trabalho, nosso objetivo foi apresentar e discutir o papel da biblioteca e das salas de leitura na formação inicial de estudantes universitários de Letras e de Pedagogia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), câmpus de Assis, de Marília e de Presidente Prudente, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e Universidade de Passo Fundo (UPF), integrantes do Procad. Os dados analisados foram originados a partir de um questionário aplicado com 85 questões aos 455 ingressantes de Letras e de Pedagogia dessas instituições de ensino superior.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que, embora uma parcela dos respondentes teve acesso e também alegou ler em bibliotecas e/ou salas de leitura, esses ambientes enquanto espaços de mediação de leitura precisam ser repensados.

Diante disso, revelamos uma preocupação com a biblioteca e salas de leitura enquanto lugares que viabilizam o acesso aos livros e à leitura. A função desses ambientes precisa ser repensada, uma vez que não deve se configurar somente como um depósito de

⁷ Pode ocorrer de os acadêmicos (as) escolherem a mesma personagem para realizar a caracterização.

livros, mas como um lugar para o desenvolvimento de práticas leitoras. Os professores universitários das instituições do Procad precisam apresentar a biblioteca e salas de leitura aos acadêmicos de Letras e de Pedagogia como um espaço propício à aquisição do saber, para que assim, esses futuros professores tenham uma relação positiva com esse lugar e, ao mesmo tempo, com o livro.

O contato com a biblioteca e salas de leitura precisa, então, ser um dos objetivos da formação inicial dos futuros professores de Pedagogia e de Letras, pois se muitos desses acadêmicos não tiveram relação com tal espaço, durante a graduação essa lacuna precisa ser suprida. Conseqüentemente, esses licenciandos ao se tornarem professores, conseguirão desenvolver atividades de leitura e transformar o espaço da biblioteca de um depósito estante de livros para um lugar de formação de leitores.

Por fim, através deste trabalho, esperamos que ao tomar conhecimento de tais resultados, as instituições de ensino superior integrantes do Procad, bem como outras universidades aprimorem significativamente a formação leitora dos acadêmicos das licenciaturas de Letras e de Pedagogia e sua relação com as bibliotecas e/ou salas de leitura.

LIBRARY AND READING ROOMS: READING MEDIATION SPACES IN TEACHING TRAINING

ABSTRACT: This article aims to present and discuss the role of the library and reading rooms in the initial formation of the students of Letters and Pedagogy of three Brazilian universities. These data are the result of a research to carry at University of Passo Fundo (UPF) from 2015 to 2019, which in turn comes from Project *Reading in undergraduate degrees: spaces, materialities and contexts in teacher training*, whose of higher education institutions were: Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Assis, Marília and Presidente Prudente campus, Federal University of Espírito Santo (UFES) and University of Passo Fundo (UPF). The data showed that the library and reading rooms need to become spaces for reading actions that involve these future teachers during the initial formation so that as professionals, they are mediators of reading. Finally, we made a methodological proposal involving the library as a space for reading in higher education of Letters and Pedagogy.

KEYWORDS: Reading spaces; Library and reading rooms; Teacher training for readers; Reading in degrees; Mediator reading.

REFERÊNCIAS

- AULETE, F. J. Caldas; GARCIA, Hamílcar de.; NASCENTES, Antenor. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974.
- AZEVEDO, Ricardo. A afilhada da dona do vestido preto. In: _____. *O moço que carregou o morto nas costas e outros contos populares*. Ilustrações de Catarina Bessel. São Paulo: Melhoramentos, 2015.
- BALÇA, Ângela Maria Franco Martins Coelho Paiva; SOUZA, Renata Junqueira. Políticas públicas de leitura em Portugal e Brasil: novos caminhos, velhos problemas. *Revista Educação* (PRCRS Online) Porto Alegre: PUC, v. 35, p. 371-379, set./dez, 2012.
- CARLINO, Paula. *Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica*. Trad. Suzana Schwartz. Petrópolis: Vozes, 2017.
- CASTRILLÓN, Silvia. *O direito de ler e de escrever*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.
- CARVALHO, Gilda Maria Rocha de.; BRANCO, Thatty Castello. *Leitura no trabalho: desatando línguas, olhares, pensamentos*. Ilustrações Bruno Palma e Silva. Curitiba: Hum Publicações, 2016.
- CHARTIER, Roger. As práticas de escrita. In: ÀRIES, Philippe; CHARTIER, Roger (Org.). *História da vida privada 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 113-161.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e biblioteca na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.
- DIÓGENES, Fabiene Castelo Branco. *Os novos papéis da biblioteca universitária brasileira*. 1997. 444 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Faculdade de Ciência da Informação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília 2012.
- FEBA, Berta Lúcia Tagliari; ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes; VALENTE, Marluce Silva. A biblioteca como espaço de mediação de leitura. In: FEBA, Berta Lúcia Tagliari; SOUZA Renata Junqueira de. (Org.). *Mediação de leitura: espaços e perspectivas na formação docente*. Tubarão: Ed. Copiart, 2017. p. 45-67.
- PAIVA, Vera L. Meneses de Oliveira e. O Novo Perfil dos Cursos de Licenciatura em Letras. In: TOMICH, Lêda Maria Braga (Org.). *A interculturalidade no ensino de inglês*. Florianópolis: UFSC, 2005. p. 345-363 (Advanced Research English Series).
- PATE, Geneviève. *Deixem que leiam*. Trad. Leny Weneck. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PETIT, Michèle. Uma arte que se transmite. *Desenredo*: revista do programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo: UPF, v. 2, n. 1, p. 99-116, jan./jun, 2005.

_____. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Trad. Arthur Bueno e Caminha Boldrini. 1ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2009.

_____. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

RAMOS, Flávia Brocchetto; BALÇA, ÂNGELA. Bibliotecas escolares: conversas entre Brasil e Portugal. *Acta Scientiarum. Education* (Online), Maringá: UEM, v. 35, p. 157-168, july./dec, 2013.

SAENGER, Paul. A leitura nos séculos finais da Idade Média. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental 1*. São Paulo: Editora Ática, 1998. p.147-184.

SETE minutos depois da meia-noite. Direção: Juan Antonio Bayona. Produção: Belén Atienza, Mitch Horwits e Jonathan King. Roteiro: Patrick Ness. Intérpretes: Felicity Jones, Lewis McDougall, Liam Neeson, Sigourney Weaver e Toby Kebbell. Apaches Entertainment; Telecinco Cinema; Películas La Trini, Participant Media, River Road Entertainment, 2016, filme, son., color., 108mm.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. Biblioteca, inovação e comunidade. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; FERRARI. *Biblioteca, inovação e comunidades leitoras* (Org.). Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2016.

VILLALTA, Luiz Carlos. Os leitores e os usos dos livros na América Portuguesa. In: ABREU, Márcia (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2000. p. 183-212.

ZILBERMAN, Regina. A escola e a leitura da literatura. In: ZILBERMAN, Regina; RÖSING, Tania. (Org.). *Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas*. São Paulo: Global: ALB, 2009. p. 17-39.

Recebido em: 30/05/2019.

Aprovado em: 30/07/2019.